







# O Elemento Final

SIMONE DE NÓBREGA

**Título Original:** O Elemento Final

**Autora:** Simone de Nóbrega

Copyright © Simone de Nóbrega

Copyright © Nova Geração

**Coordenação Editorial:** Tânia Roberto

**Edição:** Tânia Roberto

**Revisão:** Catarina Neves e Rosalina Marques

**Paginação:** Tânia Roberto

**Ilustração:** Aléxia Oliveira

**Capa:** Aléxia Oliveira

**1º Edição:** novembro de 2025

**Acabamento/Impressão:** ACD Print

© 2025

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

**Depósito Legal:**

**ISBN:** 978-989-3619-27-8



A ti, que ainda acreditas que o único público para as tuas  
histórias é a tua gaveta.





## Capítulo 1

ISABELLE SOULE

**EMBORA** não fosse uma regra escrita, todos sabíamos que exhibir os nossos poderes na presença de humanos era falta de bom senso, um caminho direto para acentuar sentimentos de inferioridade. A destruição causada pela guerra civil entre Elementares bastava para marcar a nossa presença na Terra.

Com isso em mente, o restaurante que escolhemos para celebrar o nosso último dia como humanos era discreto, escondido no final de uma rua sem saída. No seu interior, predominava um ambiente escuro e íntimo. Jantávamos à luz de velas de diferentes tamanhos, já desniveladas de tanto queimarem. As paredes estavam cobertas por trepadeiras que pareciam competir entre si para esconder os últimos vestígios da parede branca que lutava para sobreviver. Quando a sobremesa foi servida, o cheiro que se espalhou pela sala foi inebriante. *Crème brûlée*, o meu favorito.

A data da Cerimónia Elementar era tão imutável quanto o dia de Natal. Realizava-se todos os anos, no dia trinta e um de dezembro, como um ritual de passagem que concedia finalmente aos Elementares prestes a fazer vinte anos o seu Elemento de nascimento.

— Estás errada! — cuspiu Massey na direção de Harper, antes de pousar a mochila sobre a mesa para iniciar uma caça ao livro e conseguir provar o seu ponto.

— O que é que *tu* sabes sobre a Cerimónia Elementar?

— Aparentemente, mais do que tu. — Massey encontrou o livro que queria e pousou rapidamente a mochila no chão, sem deixar de lado o cuidado habitual — «Ao tocar na Chave, acordarás a magia adormecida no teu corpo. Uma por uma, as tuas células vão desenvolver-se na totalidade, tornando o teu corpo capaz de atingir o seu máximo potencial. Tudo isto através do teu Elemento de nascimento...» no teu caso, o Fogo.

O cabelo louro, em conjunto com o azul dos olhos de Harper, tinha sido um erro de *casting* bastante óbvio. A sua aparência angelical nada

se assemelhava à sua personalidade, tão previsível como um lançar de dados. No entanto, o Fogo refletia Harper como um espelho.

— Engraçado como me estás a chamar burra, referindo o meu Elemento de nascimento, como se eu não soubesse qual é... Alguém me pode explicar isto de uma forma que faça sentido? — Harper parecia genuinamente confusa. Em sua defesa, o vinho que não parava de chegar à mesa tornava a nossa capacidade de raciocinar mais lenta.

— Olho para a Chave todos os dias, no vosso porta-chaves passaria completamente despercebida — comentou Noah Trueheart enquanto ajeitava os óculos na cana do nariz e se deixava encostar para trás na cadeira. Quando ainda era vivo, o seu avô desenvolveu um fascínio por colecionar e comprar tudo o que fossem artefactos mágicos. Armas, joias, livros ou cristais, tudo o que era relevante no mundo dos Elementares. Fez um trabalho tão meticuloso que a mansão se transformou num verdadeiro museu, um onde não se podia simplesmente comprar bilhete de entrada. Protegida por feitiços mortais, só quem partilhava o sangue da família podia atravessar aquelas portas sem autorização.

— Isso é porque olhas para ela através de um vidro, Noah. — Massey passou o dedo pelo limite do copo antes de levantar o queixo. — Amanhã pode bater como um coração vivo ou pesar-te como um cadáver.

Era mais acertado comparar a Chave a um ser vivo do que a um objeto. Respondia à mão do Elementar que a segurava, mudando de cor, peso, tamanho, cheiro ou até mesmo de temperatura.

Não tinha necessidade de expor o meu conhecimento como prova de valor, ao contrário de Massey, mas era capaz de ter dedicado tanto tempo quanto ela a estudar o assunto. A Chave era a peça mais fascinante de todo o Museu Trueheart. Criada a partir da essência de um Elementar puro, de um tempo onde não existia separação entre Fogo, Água, Terra, Ar ou Energia — quando um só corpo podia conter todos os Elementos. Antes da Chave, os poderes surgiam ao acaso. Alguns Elementares nasciam prontos, outros passavam uma vida inteira sem conhecer a magia. Apesar de triste, o problema nunca foi envelhecermos sem o nosso Elemento, mas sim que uma birra abrisse fendas no chão ou um pesadelo incendiisse casas inteiras. Foi isso que a Chave controlou, o poder prematuro. Marcava-nos ao nascer, trancando o que era nosso até sermos capazes de o controlar.

O ritual era simples: uma visita à casa do Noah nos primeiros dias de vida para a Chave poder repousar no nosso peito nu por breves

segundos. A íris acendia, como uma lâmpada, refletindo a cor do nosso Elemento, antes de se apagar, apenas para brilhar anos mais tarde, na Cerimónia Elementar.

— Quando eu souber respirar debaixo de água, não me apanhas tão cedo, Massey — brincou Noah, com um tom leve, acompanhando a frase com um discreto encolher de ombros. Apesar da responsabilidade da família Trueheart como guardiã da Chave, Noah estava mais do que habituado a ver os objetos dos nossos manuais da escola presos atrás de vitrines. Para ele funcionavam mais como decoração do que como instrumentos de poder.

— *Por favor...* — Massey cruzou os braços e soltou um suspiro vazio de paciência. — Vais estar de volta assim que o teu pezinho tocar em algo estranho.

— Fascina-me essa tua cara ofendida porque não sabemos quem se peidou em setembro de 1945 — atirou Kyle Monte, antes de piscar o olho a Noah.

Um riso contido percorreu a mesa, abafado por copos a pousarem e tosses fingidas. A personalidade de Kyle sempre foi um enigma para mim, um desafio a todas as expectativas que se podiam ter do filho da entidade máxima do nosso mundo. Fluente em sarcasmo, era inegavelmente o rapaz mais bonito de toda a escola e, sem dúvida, o mais dotado. Apresentava-se apenas pelo primeiro nome. «Só Kyle», insistia, sempre que o seu apelido surgia na conversa, tornando palpável o sufoco que sentia ao saber que a sua vida tinha sido previamente determinada pelo sangue que lhe corria nas veias.

Abordava os assuntos de forma leve e escolhia o silêncio quando os tópicos eram mais pessoais ou pesados. Para mim, era quando gritava mais alto. Lembro-me, numa noite quente de agosto, de estarmos os dois sentados nos degraus frios do seu palácio e Kyle murmurar: «Ter coisas não é divertido, Isabelle. Conquistar coisas é que é divertido.». Certamente sabia mais sobre a Chave do que a Massey.

— Como é que esperam ser verdadeiros guerreiros, prontos para matar, se nem sequer compreendem a primeira etapa do processo?! — Massey acreditava genuinamente que se fosse dormir sem provar que tinha razão, no dia seguinte acordaria sem um braço. Cada detalhe na sua aparência era rigorosamente cuidado. Dava por mim a aguardar o som da claquete a anunciar o término da cena, sinal de que tinha autorização para sair da personagem. A sua beleza era delicada. O corpo pequeno

e magro acompanhava traços finos e precisos, enquanto o cabelo liso e preto desenhava um corte *bob* que lhe assentava na perfeição.

— Também acho que essa tua vontade de matar é *super* saudável. O sonho do oprimido deve ser assumir o papel do opressor. — Um sorriso malicioso iluminou o rosto de Kyle.

— Que desperdício de herança! — resmungou Massey.

— Só quero saborear o meu bife em paz.

— Lamento informar-te, mas tens o mundo para governar — recordei, com um sorriso subtil.

— O mundo pode esperar até amanhã.

— Acho que não funciona bem assim.

— Ia jurar que quem governa o mundo também define as regras. — Evidenciou as covinhas nas bochechas, que surgiam sem licença, sempre que sorria. Mais uma vez, levei o copo de vinho aos lábios. Se olhasse de forma muito atenta para os olhos verdes e cabelo escuro do Kyle, a minha língua começava a formiguejar e a cabeça ficava perigosamente leve.

Falei com George Monte poucas vezes, mas todas elas memoráveis. Era sempre tão... Sério. «Quando a injustiça se prolonga durante demasiado tempo, surge uma inevitável inversão. Quem era antes o alvo, acaba por se transformar na ameaça». E com apenas duas frases, simplificou a guerra. Os Elementares da Energia eram uma minoria quando comparados aos restantes e, durante muitos anos, foram tratados como tal. Inicialmente, a sua magia era pouco explorada, acreditava-se que as suas capacidades se limitavam a controlar aparelhos elétricos. Um poder que, embora útil, os colocava numa posição de desvantagem. Quão especial era manipular um computador ao lado de alguém que conseguia voar ou incendiar uma cidade inteira?

«A magia vem de emoções fortes, e o que é mais forte do que o ódio?» perguntou-me George. Com o acumular dos anos, o desejo de vingança foi crescendo e a sua magia evoluiu tanto que se tornou quase abstrata, rompendo todas as leis físicas que conhecíamos. O que começou como uma simples sugestão de aconselhamento à família Monte, com a intenção de guiá-los nas decisões mais delicadas, rapidamente se transformou numa crença imbatível de que eram o Elemento destinado a governar. Isso levou à criação de um movimento rebelde que questionava a autoridade e criava revoltas constantes.

Embora a maioria dos Elementares da Energia dominasse a manipulação da eletricidade e das forças que animam o mundo tecnológico,

existia uma linhagem mais rara e obscura. Estes últimos exploravam as camadas invisíveis da Energia vital, a essência pulsante que flui dentro dos corpos, capazes de extrair Energia das próprias células ou alterar o tecido da vida. Uma magia inquietante. Onde estaria, afinal, o limite dos seus poderes?

George lutava por criar uma paz que nunca conheceu, a defender antepassados com escolhas que ele nunca teria feito. A herança que iria deixar a Kyle, para além do Elemento do Ar, seria a de continuar a carregar o seu fardo.

— Perdi a conta das vezes que já imaginei o dia da Cerimónia Elementar, mas em nenhuma delas o grupo estava assim, incompleto...

— Muito como a Água, o seu Elemento, Noah tinha uma capacidade sorrateira de mergulhar as nossas conversas em reflexões carregadas de emoções. O meu corpo enrijeceu e uma vontade pesada de o esganar subiu-me pela coluna.

O grupo estava incompleto, fruto das escolhas de quem ali não estava presente. Se o sentimento fosse recíproco, teríamos uma cadeira extra à volta da mesa. Dei por mim a olhar fixamente para a Harper, mesmo sabendo que não tinha culpa de ter precisamente a mesma cor de olhos e de cabelo. A vontade de apertar o pescoço de Noah estava agora direcionada para ela.

Harper cruzou os olhos com os meus e desviou-os imediatamente para baixo. Arqueei as sobrancelhas e a minha desconfiança aumentou quando reparei que, depois de olhar para o telemóvel, começou a fitar por cima do ombro, como se procurasse alguém.

— O que se passa? — perguntei, antes de seguir o seu olhar para tentar perceber quem a estava a deixar nervosa.

A Harper endireitou-se tão rápido como uma flecha, como se tivesse sido apanhada a fazer algo que não devia. Os seus olhos já eram grandes e claros, mas, de alguma forma, conseguiu fazê-los parecer ainda maiores quando arregalou as sobrancelhas louras e respondeu de forma apressada:

— Nada!

— Harp...

— Não se passa nada... — A sua voz era sempre energética e entusiasmada, naquele momento estava lenta e baixa.

— A tua cara — acusei, já impaciente.

— Que cara?

— Estás a fazer uma cara!

— Esta é a minha cara!

— É a tua cara quando sabes de alguma coisa que não me queres dizer!

Kyle suspirou profundamente e arrastou a cadeira para longe da mesa, revelando o seu impressionante metro e noventa a todo o restaurante.

— Não te atrevas a deixar-me aqui sozinha com *ela*! — A Harper esticou-se para agarrar a manga da camisola de Kyle, impedindo-o de avançar. Os seus olhos azuis assemelharam-se aos de um coelhinho recém-nascido a implorar por misericórdia. — Isto foi uma *péssima* ideia!

— Com a Isabelle? Por favor, ela é completamente inofensiva. — Kyle forçou um sorriso curto, soltou-se com facilidade e começou a caminhar em direção à porta do restaurante.

Harper colocou o cabelo atrás das orelhas e abriu os lábios para falar. Estava a criar tanto suspense que eu mesma já estava inclinada sobre a mesa, tentando diminuir a distância entre nós. Quando voltou a fechar a boca sem proferir uma única palavra, soltei um suspiro de frustração e olhei para Massey com uma expressão confusa. Massey elevou as sobrancelhas, perfeitamente esculpidas, em resposta.

— Já terminou o surto de psicopatia por hoje, Harper? Podemos saber o que se está a passar?

Em circunstâncias normais, aquele comentário teria gerado uma discussão, mas Harper estava notoriamente mais preocupada com a minha reação do que com a audácia de Massey. Mordeu a unha do polegar e murmurou:

— Ele voltou ontem à noite.

— Quem? — perguntei ao mesmo tempo que Noah.

Harper fechou os olhos com força e continuou num tom ainda mais baixo, como se estivesse a dizer uma palavra proibida.

— O Leo.



## Capítulo 2

ISABELLE SOULE

**OUVIR** o seu nome fez com que o tempo parasse à minha volta. A Harper continuou a falar, mas eu deixei de a ouvir. Iniciei uma caça frenética pelo restaurante em busca de cabelos louros, procurando o rosto dele em cada pessoa com quem cruzava o olhar.

O restaurante estava demasiado cheio, o que me impedia de o percorrer tão depressa quanto a minha ansiedade me pedia, e o vômito trepou-me pela garganta com sabor a leite azedo e moedas ferrugentas. Seria impossível concluir aquela tarefa, por isso, olhei para cima, focando-me nas trepadeiras que cobriam o teto. *Não te atrevas!* Tive de lutar para manter dentro de mim tudo o que queria sair.

— Bonito trabalho, Harper... — O tom de voz de Noah indicou-me que a minha reação não estava a ser exagerada.

— Não eras tu quem estava a pedir pelo meu irmão nem há dois minutos?

Leo Bellgram, gémeo de Harper e meu ex-namorado, parecia ter sido encomendado de um catálogo cheio de bónus e extras, intitulado: «Quem quer um filho perfeito?». Todos nós já havíamos sido comparados com Leo em algum momento das nossas vidas, fosse por professores ou pelos nossos pais. A sua perfeição era evidente no tom calmo com que falava, nos movimentos confiantes que fazia, nas excelentes notas e no bom comportamento.

Todo aquele aparato gerou em Leo a pressão de ser exatamente isso, o melhor. Quando surgiu a oportunidade de estudar em França e aperfeiçoar o domínio sobre o seu Elemento, o Fogo, Thomas Bellgram não pensou duas vezes e apressou-se a comprar um bilhete só de ida para o filho. Assim que a decisão foi tomada, a nossa relação começou a ruir. Não foi bonito. Fomos engolidos pelas nossas emoções e dissemos coisas que, na verdade, não sentíamos. A beleza das palavras era essa, não as podíamos retirar depois de estarem fora dos nossos lábios.

Namorámos durante três anos e por isso a ressaca pós-relação demorou a passar. Senti as bochechas a arder ao lembrar-me de tudo o que fiz para o esquecer: muito álcool, rapazes mais velhos, amnésia temporária, discussões com a minha mãe, com a Harper, com o Noah.... Rever a lista na minha cabeça só me ajudou a ficar mais nervosa.

A viagem deveria ter durado apenas um ano, mas por vontade própria, o Leo acabou por ficar mais tempo. Sabia que iria regressar eventualmente, todavia, sempre achei que teria um pré-aviso decente para me preparar.

— Eu não sabia como te dizer, juro que tentei! — Harper começou a irritar-me, como se me tivesse apunhalado pelas costas. Cada palavra que proferia, tentando justificar a sua falta de lealdade, fazia a faca deslizar mais fundo.

— Falhaste redondamente, parabéns. — O tom de Massey geralmente incomodava-me, aquela foi das poucas vezes que considerei tê-lo usado corretamente.

Depois de recuperar o controlo das minhas emoções, encarei Harper de novo. Os gémeos eram obviamente parecidos e naquele momento olhar para ela trouxe-me à cabeça recordações que jurei ter enterrado.

— Isto vai ser bom... — murmurou Noah, num tom baixo. Afastou a camisa do corpo repetidamente e apontou para mim com o queixo. — Eu sei que não sabes nada dele desde que terminaram, por isso, acho que agora seria uma boa altura para te pôr a par da magia da adolescência e do que três anos são capazes de fazer.

— O quê? — Foquei a minha atenção em Noah, que levantou os dois braços no ar, como se quisesse representar a sua inocência no meio de toda a situação. Engoli em seco e olhei para Harper. — Começa a falar!

— Oh, sim... Ele está um bocado mais... Alto?

Não me movi, mas Noah preencheu o restaurante com gargalhadas, inclinando a cabeça para atrás e olhando para o teto, como se não acreditasse no adjetivo que a Harper tinha escolhido para caraterizar o irmão.

— Deixa de fingir que és uma parede, Belle! Estou mesmo aqui ao teu lado, vais ficar bem.

— Eu também estou aqui! — recordou Harper, imediatamente.

— Sou o único a achar que a imparcialidade da Harper, quanto a esta questão, é seriamente questionável?

— A tua não? — atirou Harper ao fazar a testa, seriamente ofendida.

— Alguém tem de zelar por ela! — A resposta de Noah fez-me perceber o óbvio: para além de Massey, éramos os únicos que não sabíamos do regresso de Leo. Kyle Monte era o seu melhor amigo praticamente desde que nasceram e notícias como aquelas, não lhe iriam escapar.

Levantei a colher da mesa para partir a camada estaladiça de açúcar. O aroma doce que pairava no ar intensificou-se e cobri a colher na sua máxima capacidade, esperando que aquele *crème brûlée* resolvesse todos os meus problemas.

De facto, a sobremesa estava incrível, mas não o suficiente para me fazer deixar de ouvir as gargalhadas que soaram atrás de mim. Podia reconhecê-las em qualquer parte do mundo. Bebi todo o vinho que tinha no copo antes de olhar para confirmar o que já sabia. Ali estavam eles, Kyle e Leo, lado a lado, como se o Leo nunca tivesse partido.

Uma porta da minha memória foi arrombada com força e um milhão de recordações invadiram o meu pensamento sem ordem específica, acabando por confundir os sentimentos que eu tentava organizar. Estava diferente... Mais alto. Ombros largos. Braços fortes. Tudo nele ocupava mais espaço.

Os Bellgram eram conhecidos por serem atraentes e isso não era segredo, contudo, depois de olhar para o pródigo herdeiro, percebi que tinha elevado a sua aparência a uma forma de arte.

Noah arrastou as coisas ao seu lado para criar espaço, permitindo que Leo se juntasse a nós. Pelo canto do olho, reconheci o tom de louro de Leo a dar a volta à mesa, para se sentar entre a Harper e o Noah, na minha diagonal. Agarrei o guardanapo e limpei a boca, varrendo o resto do restaurante com o olhar. Não tinha para onde fugir.

— Bom... Olá? Estão todos tão calados! — exclamou Leo, após trinta segundos de puro silêncio.

*Queria que estivesses, também.* Os meus pensamentos passeavam sem trela, um sinal claro que o álcool no meu sangue estava acima do nível recomendado.

— Pareces um desenho que fiz com a mão esquerda. Ficaram sem palavras — respondeu Kyle, carregado de felicidade, brincando com o facto de Leo estar, obviamente, muito mais atraente.

Quando Leo anunciou que ia para França, não sei qual de nós ficou mais chateado, se eu ou o Monte. Tivemos oportunidade de conversar sobre o assunto ao longo daqueles três anos e percebi que, graças à ausência de Leo, acabámos por criar uma amizade mais forte. Ambos sentíamos a sua falta.

Noah, Massey e Harper ainda tentavam segurar as gargalhadas que se seguiram ao comentário de Kyle. Aproveitei a deixa para me esticar e pegar na nova garrafa de vinho que tinha acabado de ser colocada sobre a mesa. Servi-me. Não sabia o que fazer com as mãos ou com a boca, por isso decidi mantê-las ocupadas. O movimento dos meus braços estava a tornar-se mecânico. Enchia o copo, esvaziava, enchia o copo, esvaziava-o outra vez.

— Belle? — *Raios, não fales comigo!* Até a sua voz era atraente.

Acenei com o queixo de forma rápida e educada e bebi o vinho de um trago.

— Está a tentar evitá-te. — Massey esclareceu o óbvio ao mesmo tempo que esticava a mão fina, com um único anel, na direção de Leo.

— Massey Goldberg, prazer!

Massey pertencia às novas famílias em ascensão e tal como eu, seria Elementar da Terra. Tinha entrado na escola pouco tempo depois de Leo partir para França e, por isso, não se haviam conhecido. Quando Leo viu a sua mão estendida, pequena e delicada, talvez um terço do tamanho da sua, hesitou por um instante antes de a apertar com cuidado, quase como se temesse magoá-la.

Soltei uma gargalhada. O Leo não tardaria a descobrir que a Massey era tudo menos frágil. Giraram todos a cabeça na minha direção, fazendo-me tapar a boca de vergonha. O calor começava a tomar conta de mim e já conseguia notar o efeito do álcool no meu sangue. Senti-me encurralada, empurrei a cadeira para trás e, de copo na mão, afastei-me da mesa. A cadeira de Leo arrastou poucos segundos depois da minha e a voz de Monte fez-se ouvir.

— Controla essas emoções que amanhã terás fogo a circular nas veias, sim?

Contornei todas as mesas até chegar ao pátio traseiro e abri a porta com um empurrão, estava com pressa para sentir ar fresco nos pulmões, um que Leo não estivesse também a respirar. Tentei fechar a porta atrás de mim, mas a mão dele apareceu no outro lado do vidro, travando o meu movimento. Trocámos olhares através da superfície embaciada e os seus lábios esboçaram um sorriso curioso.

— Não vale saltar o gradeamento — avisou.

Sem saber, acabara de me dar um plano de fuga. *Será que ele consegue ouvir o meu coração?* Semicerrou os olhos na minha direção, observando-me. Deixei a mão que segurava o copo de vinho cair ao lado

do corpo de forma calma. O vidro entre nós criava uma falsa sensação de segurança que eu não estava pronta para desperdiçar.

*Leo, Leo, Leo.* A repetição do seu nome ao longo daqueles três anos acabou por lhe retirar a força. Quando repetimos uma palavra incessantemente, ela perde o seu significado e transforma-se num mero trava-línguas sem valor. Pensava que o meu mundo ia colapsar no dia em que o voltasse a ver. No entanto, aqui estava eu, a respirar sem dificuldade. *Talvez tenha exagerado...*

Soltei a porta devagar e o Leo terminou de a empurrar para se juntar a mim do lado de fora do restaurante. Encostámo-nos ao vidro a observar as estrelas, com os ombros a dez centímetros de se tocarem. Como era possível que respirar ali fora me estivesse a custar mais?

A cidade estava adormecida e a luz que há segundos me parecia ténue, servia agora perfeitamente para iluminar o pequeno pátio.

— Estava com saudades de casa — confessou com a voz meiga e pausada, daria um ótimo contador de histórias.

— Fico feliz por teres voltado a tempo da Cerimónia Elementar. — Estava a ser sincera. Por muito inconveniente que o comentário de Noah tenha sido, tinha razão. O lugar de Leo era ali, junto dos seus amigos e família.

— Acho que isto me está a doer mais do que se estivesses a gritar comigo.

O ar deixou os meus pulmões quando me ri inevitavelmente. Leo juntou-se à minha gargalhada e pediu:

— Grita comigo, por favor?

— Nem pense, mereces sofrer um bocadinho.

Já não o amava e isso estava claro para mim. Mas, misturados com sentimentos de atração e constrangimento, percebi que também existiam restos de raiva e rancor. Lembrei-me do quão descartável me fez sentir e do quanto chorei por ele.

— Sendo sincero, também estava com saudades tuas, Belle. Neste último ano não consegui parar de pensar em ti...

Olhei para ele e percebi que a sua voz me chegava como se estivéssemos separados por mais de trinta metros. Inclinei-me ligeiramente para trás, tentando compreender o que se passava, e quando tentei focar o copo que tinha nas mãos, não consegui. Ao virar-me para ficar de frente para ele, não antecipei bem o movimento e a mão que segurava o copo colidiu contra o seu ombro, fazendo o vinho balouçar. As palavras saíram então, sem filtro:

— Não sejas egoísta, Leo. A minha vida não parou quando te foste embora. — Sentia a cabeça leve e quente. — Achava que tinha sido óbvia, estava a tentar estar sozinha.

Leo levantou as mãos no ar, sem tirar os olhos do chão, e os ombros tensos denunciaram o seu desconforto. O corpo contraiu-se ligeiramente, como se quisesse escapar da situação, e o rosto ganhou um tom ruborizado enquanto forçava um sorriso. Com um movimento abrupto, afastou-se da parede, quase como se quisesse distanciar-se fisicamente do que se passava.

— Eu tentei avisar-te que vinha...

— Já é a segunda vez que estou a ouvir isso hoje. Não é assim tão complicado pegar no telemóvel e enviar uma mensagem.

— Bom... É, quando estás bloqueado.

O meu rosto ardeu instantaneamente, como se as palavras que saíram da sua boca fossem fogo. Como uma criança, bloqueei-o no dia em que se foi embora, impedindo qualquer contacto. Estava tão bêbada que mal conseguia manter os olhos abertos, mas a vergonha era o que mais me incomodava. Só queria que ele desaparecesse dali, para eu poder processar tudo em paz.

— Por favor, finge que tens alguma coisa para fazer e volta para dentro do restaurante.

— Mais do que justo. Vou respeitar o teu espaço.

Dirigiu-se lentamente para a porta e ao abri-la para voltar ao restaurante, o som do ranger pareceu-me desproporcional. *Perdida por um, perdida por mil...* Terminei o resto do vinho enquanto fixava o vazio à minha frente. *Não devia ter bebido uma garrafa sozinha.*

Caminhei para dentro do restaurante de cabeça baixa, não queria tropeçar. Medi mal a força e bati a porta com brutalidade, fazendo o vidro estremecer. Após o estrondo, um silêncio constrangedor tomou conta da sala.

— Ei! *Hulk!* — A voz de Monte ecoou pelo espaço e virei-me na direção do som. Deparei-me com o peito de Kyle à mesma altura dos meus olhos.

— Sei que sabias que ele vinha.

— Teria mudado alguma coisa? — Fez uma pausa antes de acrescentar. — Agora que penso nisso, provavelmente a cena dramática de correres para fora do restaurante poderia ter sido evitada...

— Leva-me para casa. — Cambaleei ligeiramente para o lado e senti

a mão firme de Monte a agarrar-me pelo cotovelo, para me manter de pé. Tirou-me o copo quando viu que perdi a força e murmurou:

— *Déjà-vu.*

A sua cara estava tão desfocada como o copo que retirou da minha mão.

— Monte, por favor... — O resto das palavras perderam-se no escuro da noite.

Kyle pousou o copo de cristal na mesa mais próxima e agarrou-me de lado, pela cintura.

— Deixo-te em casa, sim. — Estudou-me com o olhar, julgando-me sem proferir qualquer palavra. Uma linha apareceu entre as suas sobrancelhas escuras e com a mão livre delineou o maxilar cerrado. Os meus joelhos tremeram e eu tentei avisar:

— Acho que... Acho que vou vomitar.

As minhas pernas cederam e ele pegou-me ao colo, como se não pesasse mais de dois quilos.

— Lá vamos nós outra vez, Isabelle! — Estava definitivamente irritado.





## Capítulo 3

ISABELLE SOULE

**O DESPERTADOR** tocou de forma abafada. Espreitei por baixo da almofada e resmunguei quando percebi que o telemóvel ainda estava dentro da mala que tinha utilizado na noite passada, caída no chão ao lado da porta do quarto. Rendi-me ao som irritante e sentei-me na cama.

A minha casa tinha mais plantas do que mobília e o meu quarto estava cheio de frésias cor-de-rosa. Normalmente adorava o seu cheiro açucarado. Naquele dia, o odor estava a deixar-me enjoada. Sentia uma pressão desconfortável dentro do crânio e o sabor a álcool no hálito. As pálpebras pesavam toneladas e o som do alarme exponenciava a minha dor de cabeça para uma intensidade que já não sentia há anos. Precisava de uma aspirina.

Pisei o chão de madeira e quando me levantei, entendi que estava seriamente desidratada e fraca. Percorri o longo caminho até à mala para desligar o alarme e voltei a fazê-lo para trás, em direção ao toucador, onde guardava as aspirinas.

O espelho julgou-me sem a menor compaixão, como se fôssemos completos desconhecidos e, apesar dos anos de convivência, negou-me a misericórdia que achava merecer. Maquilhagem borrada, olhos inchados e caracóis todos embaraçados. Tomei a aspirina e passei as mãos pela cara enquanto tentava organizar as ideias. Não me lembraava de ter chegado a casa... Bati de forma alternada com os dedos na mesa, pedindo ao meu cérebro para acordar. Era hoje! A cerimónia! E... O Leo!

Levantei-me e passei o vestido preto pelos ombros, atirando-o para o chão. *Parabéns, Isabelle! O álcool revela sempre o melhor que há em ti....* Tomei exatamente as mesmas decisões que tinha tomado há três anos, provando a mim mesma e ao restaurante inteiro, que a minha evolução relativamente ao «assunto Leo» era zero.

Aquele seria o dia mais importante da minha vida e não colocara despertador na noite passada. O alarme tocou porque tinha chegado ao final da minha contagem decrescente. Ia ganhar finalmente o meu

Elemento e recusava-me a deixar que os meus velhos hábitos ganhassem aquele braço de ferro. Era o primeiro dia do resto da minha vida e eu estava determinada a torná-lo perfeito.

Tirei o sutiã, deixando-o cair ao lado do vestido e ouvi outros pés descalços a pressionar a madeira do meu quarto, o som suave a preencher o silêncio. Olhei para a entrada do *closet* curiosa, a minha mãe avisou-me que iria estar o dia todo ocupada com a Cerimónia, não deveria estar em casa.

Identifiquei a altura e a cor do cabelo de Kyle em dois segundos e virei-me de costas, tropeçando nos meus próprios pés enquanto tentava apanhar o vestido do chão para tapar o peito.

— KYLE MONTE! — Lá consegui agarrar o vestido e cobrir o corpo com o tecido amarrotado. — O que estás aqui a fazer?!

Kyle ainda tinha os olhos verdes no meu peito, agora tapado. Abanou a cabeça como se estivesse a fazer um esforço para se concentrar e exclamou:

— Uau... *Jesus!* Bom dia.

Cruzei os braços com força, como se pudesse cobrir-me ainda mais do que já estava. Recuperei a postura e repeti, agora com a voz mais firme:

— O que é que estás aqui a fazer?

Numa microexpressão, abriu os olhos e esticou as sobrancelhas, lembrando-se de que não devia estar no meu quarto. Tentou ajeitar a camisa e eu reparei que também não tinha um aspeto cuidado. Estava com os botões abertos, revelando o peito musculado, e quando levantou as mãos para esfregar os olhos com força, os músculos contraíram, tornando-se ainda mais definidos.

— Pediste-me para te trazer a casa, ontem. Estavas com péssimo aspetto e não te calavas, acabei por adormecer na cadeira ao lado da tua cama. — Passou as mãos pelos olhos mais uma vez antes de apontar para o vestido, que eu ainda segurava como se a sobrevivência do mundo inteiro dependesse disso. — Devias usar menos preto.

Os meus olhos abriram-se involuntariamente e tive de segurar a vontade de deixar o queixo cair até ao chão. *Sacana atrevida!*

— E tu devias dormir no teu próprio quarto!

— Vou dizer isto da forma mais respeitosa que sou capaz... Mas agora que vi esse vestido no chão, estou a escrever os nossos votos de casamento mentalmente.

Revirei os olhos.

— Devem ser inspiradores, *blá blá blá* mamas, *blá blá blá* mais mamas.

— Não te vendas por tão pouco, Soule. — A sua voz estava rouca e baixa, o que me atraiu de novo para o seu corpo. Conseguí ver o início de uma tatuagem a espreitar por baixo da sua camisa e fiquei presa naquele detalhe. Era recente.

— Tens uma tatuagem nova?

Monte semicerrou os olhos depois de ouvir a minha pergunta e mostrou-me as covinhas ao sorrir.

— O que eu tenho é vontade de te dar um sermão de três horas e mandar-te rezar cinco Avé Marias, Isabelle. O que *raio* foi aquilo, ontem?

Passei por ele sem coragem para o reprimir mais, também estava desiludida com o meu comportamento.

— Podes tomar duche no quarto de hóspedes, sabes onde é — retorqui enquanto caminhava para a casa de banho. — O pequeno-almoço é daqui a quarenta e cinco minutos.

— Escuta, Isabelle...

Fechei a porta sem ouvir o que ele tinha para me dizer, não era possível que o Kyle achasse realmente que eu não sabia a gravidade da minha atuação na noite anterior. Voltei a despir-me e entrei para o duche frio.



Sabendo que aquele seria o meu último pequeno-almoço em casa durante os próximos tempos, percorri as divisões com calma até à cozinha. As janelas dos espaços comuns principais não tinham qualquer tipo de vidro, fazendo com que algumas das árvores de fruto do jardim entrassem de forma tímida para participar na decoração da casa. Num tom castanho mel, a madeira que cobria o chão e paredes tornava a casa mais quente e pelo ar dançavam diferentes cheiros de flores, resultando no meu perfume favorito. Não era preciso um génio para perceber que ali moravam Elementares da Terra.

Kyle já se encontrava na cozinha a tagarelar alegremente com a minha mãe. Tinha no corpo o robe de algodão branco que estava sempre disponível no quarto de hóspedes e nas mãos uma caneca a fumegar com café preto. O seu cabelo ainda estava húmido, meio encaracolado, e quando me sorriu reparei em algumas gotas de água que ainda percorriam o seu pescoço.

Sentei-me ao lado de Annabelle, o meu lugar de sempre. Um silêncio caiu sobre a mesa.

— Bom dia. Achei que já estivesses em Opalina.

Annabelle fez o mesmo que Kyle na noite anterior, observou-me de forma atenta enquanto acabava de mastigar a sua tosta com salmão fumado. Temi que a sensação da cara a arder de vergonha nunca fosse passar.

— *Oh*, acordaste finalmente... — O seu tom era acusatório.

— Estou acordada, mas não operacional — avisei.

As pessoas insistiam em dizer que éramos parecidas e ao olhar para o seu cabelo comprido, com largos caracóis cor de chocolate, e olhos cor de avelã, conseguia entender o porquê.

Para mim sempre fomos só nós duas, para Annabelle, agora éramos só nós as duas. A minha mãe enterrava-se com trabalho porque sentia a falta do meu pai e eu não a incomodava porque sentia a falta dela. Queria que sentisse que estar comigo era um espaço seguro, não queria ser um lembrete constante da ausência dele.

As expressões de Annabelle mudavam de forma constante quando alguém mencionava o nome do meu pai e eu sabia que os seus sentimentos eram complexos, existia mais do que amor e saudade ali. A única coisa que sabia sobre ele era que morrera na guerra quando eu tinha apenas três anos. O que não sabia não me podia magoar.

O que começou como um escape, virou um hábito e, como tal, a maior parte das memórias que tinha da minha mãe eram a trabalhar no seu gabinete de poções. Através da nossa conexão com o Elemento Terra, os ingredientes reagiam formando combinações mágicas. Era viciante observá-la a misturar ingredientes que aparentemente não iriam funcionar, parecia entrar num estado de transe onde tudo o que estivesse à sua volta desaparecia. O que para mim era uma parede com gavetas infinitas e cheiros estranhos, para ela era algo tão simples e organizado como as letras do abecedário e irritava-se facilmente quando eu demorava muito tempo a levar-lhe ingredientes, ou quando não sabia bem distinguir qual deles me estava a pedir.

Annabelle Soule não lia livros de receitas, escrevia-os, e os manuais de outros Elementares mais velhos começaram a ganhar pó nas suas prateleiras novas. Apercebi-me que não notava pela falta deles e comecei a roubá-los, um a um. As filas de Elementares e humanos que se acumulavam na nossa sala para lhe pedir ajuda eram impressionantes e o que eu mais queria era crescer e ser como ela.

— Não queria sair de casa sem te desejar boa sorte para logo à noite.  
— Annabelle pousou o resto da tosta no prato e esboçou um pequeno sorriso. — E queria dizer-te que deixei o teu vestido pronto, na sala.

— Certo. Estamos a ignorar que ontem cheguei bêbada a casa.  
Desta vez Annabelle não escondeu o sorriso, fê-lo de forma exagerada. Conhecia bem aquela expressão fechada, sem mostrar os dentes, estava a avisar-me para não me esticar.

— E conversamos sobre isso e sobre o Kyle noutra altura.  
Arqueei a sobrancelha em direção a Monte, que bebia café encostado para trás, como se estivesse na sua própria casa. Esboçou um sorriso e apontou para a sua indumentária descontraída com a mão que tinha livre.

— Deve ser por causa do robe.  
— *Por amor de Deus*, como se eu e o Kyle...  
— Ia jurar que só hoje tínhamos chegado à segunda base! — interrompeu-me, fingindo estar ofendido.

A minha cara estava tão quente como o café em cima da mesa. Sem mover a cabeça, olhei para Annabelle e tentei estudar a sua expressão. Não pareceu levar a sério o comentário de Kyle e levantou-se, pousando um beijo demorado no topo da minha cabeça. Era irónico como Kyle estava mais confortável na minha própria casa do que eu.

— Espera... Acabaste de flertar comigo em frente da minha mãe?  
— Tenho estado a fazê-lo há um ano, obrigado por finalmente reparares...

Os seus olhos verdes prenderam os meus como um íman e eu procurei as habituais covinhas nas suas bochechas. Monte não estava a sorrir, parecia bastante sério. Humedeceu os lábios e pousou os cotovelos na mesa, chegando-se mais para a frente. O meu foco alterou algumas vezes dos seus lábios para os seus olhos e eu senti o ardor que há pouco estava apenas nas minhas bochechas a descer por todo o meu corpo. *Com certeza que George Monte brinda todos os dias por ter feito esta carinha perfeita.*

Quando olhava para o Kyle assim, por períodos prolongados, tudo o que estava à nossa volta começava a evaporar até só estarmos os dois. Tossi e coloquei os caracóis para trás dos ombros. Monte brincava tanto com coisas sérias que acabava por sofrer o efeito do *Pedro e do Lobo*. Annabelle não o levou a sério e eu fiz o mesmo.



Depois do pequeno-almoço, encaminhei-me para a sala de estar com Kyle onde, segundo Annabelle, iria encontrar o meu vestido.

Estava no centro da sala, a captar todas as atenções. O som da chuva que começou a cair lá fora, amplificado pela ausência de janelas, tornou aquela visão ainda mais mágica. A tradição exigia que os Elementares se apresentassem na Cerimónia usando a cor do seu Elemento, e o tom verde sereno que a minha mãe tinha escolhido revelou-se perfeito.

O vestido era muito comprido, iria arrastar no chão quando estivesse no meu corpo. Só tinha uma alça, em algodão, toda torcida, formando uma espiral. O decote era em forma de coração e o corpete estruturado deixava à vista as costuras delicadas. Passei a mão pelo tecido brilhante.

— Ainda não acredito que chegou finalmente o dia.

O telemóvel de Kyle começou a vibrar no bolso do robe e depois de ler o nome que estava no ecrã, comentou de forma teatral.

— É o George Monte, provavelmente devia atender. — Levantou um dedo, pedindo-me para lhe dar uns minutos e encostou o telemóvel ao ouvido.

Rodeei o vestido para ver a parte de trás e reparei num pequeno bilhete preso com um alfinete. Soltei o papel e li a mensagem escrita pela minha mãe.

*Querida Isabelle, espero que esta noite seja tudo o que imaginaste, e mais! Sei que vais ser incrível, não podia estar mais orgulhosa!*

Engraçado como aquelas palavras, tão cheias de carinho, me fizeram sentir pequena — o oposto do que pretendiam. Tentar ser melhor que Annabelle parecia, mesmo antes de tentar, uma tarefa impossível.

— Não tive escolha, tive de faltar. — Distraí-me com a chamada telefónica e com o suspiro aborrecido de Kyle. — Não volta a acontecer... Pai, sabes que não me vais conseguir enfiar nessa reunião... A Catherine vai lá estar?... Curiosidade... Como assim se acho a tua secretária atraente?... Bom, não estou não atraído... Não, não irei apenas porque ela vai... Certo. Lá estarei.

A chamada terminou e Monte afastou o telemóvel da cara. Pareceu-me que estava a ler uma mensagem. Aproximei-me.

— Já te dei demasiada confiança hoje, Monte. Está na altura de ires para casa.

Sem levantar a cabeça, olhou para mim durante cerca de dois segundos, antes de voltar a sua atenção para o telemóvel.

— Um minuto, ele deve estar a chegar.

— Ele...?

Bateram à porta com um ritmo que me era muito familiar. Abri a boca, surpreendida. Era a batida secreta que eu e o Noah usávamos, um código só nosso. Era o som que anuncjava a chegada à casa um do outro ou o sinal discreto na sala de aula, quando queríamos chamar a atenção sem atrair olhares.

Os lábios de Kyle formaram uma linha rígida e encolheu os ombros, como se dissesse que eu não lhe tinha deixado outra opção. Hesitei antes de abrir a porta. Estavam a interpretar-me mal, eu já sabia o quão estúpida tinha sido a noite passada! Precisava de enterrar aquela memória, não de a trazer ainda mais para perto.

— Se eu quisesse saber a tua opinião, teria sido a primeira a perguntar.

— Não queres a minha opinião para o vestido? — A especialidade de Monte era desviar o tema de conversa quando o assunto não lhe era conveniente e o Noah não iria a lado nenhum enquanto eu não o deixasse entrar. Sendo assim, caminhei a distância que separava da entrada com passos pesados. Ao abrir a porta os meus olhos fecharam-se com força para amparar o choque das palavras de Noah.

— O que se passou ontem à noite não se vai repetir. Aquela Isabelle ficou arrumada numa gaveta e a chave no fundo do oceano. Entendido?

— Num oceano que ninguém sabe qual é e está *muito* perdida — corrigiu Kyle entre dentes, claramente a questionar se Noah seria eficaz no papel que teria de desempenhar naquele momento, mas esforçando-se para manter a mesma linha de história que o amigo tinha iniciado.

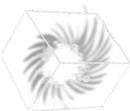
— *Isso!* Perdeu-se! — Noah bateu na moldura de madeira da porta para tentar ser mais agressivo e dar ênfase ao que estava a dizer, mas magoou-se e começou a abanar o punho no ar. — *Ai!*

Noah evitava conflitos e o seu *modus operandi* era fugir de confrontos diretos. Ainda assim, era a única pessoa capaz de chamar-me à razão sem provocar uma discussão. Algo no seu tom de voz, sempre gentil, tornava mais fácil ouvir o que tinha a dizer, mesmo quando não queria admitir estar errada. Cruzei os braços e abanei a cabeça.

— Isto está a ser doloroso de se ver. Se o que te preocupa é o meu comportamento na noite passada, podes ficar tranquilo que não se vai voltar a repetir.

A expressão de Noah mudou de dor para surpresa e os seus lábios desenharam um «O».

— Isto correu melhor do que eu estava à espera. — Espreitou por cima do meu ombro sem dificuldade. Apesar de ser magro, era bem mais alto do que eu. — Não sei o que me está a chamar mais a atenção, saber que o Kyle Monte está completamente nu debaixo daquele robe ou aquele vestido fantástico!



## Capítulo 4

KYLE MONTE

**OS LIVROS** ofereciam uma visão limitada da realidade e embora a Massey acreditasse estar completamente informada, a verdade era que estava longe disso. A Cerimónia Elementar era apenas uma formalidade, mais do que qualquer outra coisa, o nosso papel na sociedade já estava escolhido antes de nascermos. *Livre-arbitrio...? O que é isso?* Independentemente de o merecermos ou desejarmos, o poder dos nossos pais iria sempre circular nas nossas veias.

A limusine travou no limite da estrada de alcatrão, em frente a Opalina e eu levantei os olhos para o banco à minha frente. Harper, no seu vestido vermelho, limava as unhas com uma tranquilidade invejável, como se nada a preocupasse. Imaginá-la a liderar um exército era quase impossível, mas era exatamente isso que o destino lhe reservava. Os Bellgram pertenciam a uma longa e implacável linhagem de soldados guardiões e Harper não seria exceção. Semicerrei os olhos, tentando forçar a minha imaginação a ver para além daquele ar angelical e das unhas brilhantes.

— Verifiquem o terreno mais uma vez e informem-me da contagem dos Elementares de Energia antes e depois da Cerimónia, quero ser atualizado a cada trinta minutos. — George ainda não tinha dado descanso ao telemóvel desde o início da viagem e o meu ouvido direito já implorava por silêncio. A sua preocupação era legítima. Os novos Elementares da Energia poderiam ser um trunfo valioso para os rebeldes, depois de despertarem a sua magia — um meio para continuarem a alimentar a guerra. E, verdade seja dita, tornava-se cada vez mais difícil prever em que lado estavam, antes de os Elementos entrarem em jogo.

— Que tal? — Mesmo com toda a tensão no ar, a Harper ignorou a chamada do meu pai com uma facilidade impressionante e estendeu a mão na minha direção. Sorri, mais para mim do que para ela. Nada. A minha cabeça não tinha capacidade para a imaginar com sangue nas mãos.

— Pela milésima vez Harp, estás bem. — Leo ajeitou a gravata vermelha no pescoço e espreitou pela janela, sem dar atenção às unhas da irmã. A visão de Opalina tornava qualquer outra coisa irrelevante.

— Na-aaa, ainda estamos sem falar. A Belle odeia-me por tua causa.

— Achei que estes vinte minutos de viagem seriam suficientes para te lembrar que a escolha de não falar com ela antes, foi tua. — Mesmo quando discutiam, Leo conservava um tom calmo, mas Harper incendiava-se com facilidade.

— Foi uma escolha dos *dois*! — O rosto de Harper ficou da cor do seu vestido e atirou a lima para o colo, apontando para mim na tentativa de aliviar o seu fardo.

— Exato — murmurou Leo, ainda focado no castelo.

O Fogo era um Elemento traiçoeiro, essencialmente destrutivo, fácil de conjugar, mas difícil de controlar. Um ótimo desafio para Leo que ficava incomodado com uma caneta fora do sítio. Ao contrário de Harper, era-me fácil imaginá-lo matar uma pessoa de oito formas diferentes, todas elas sem margem para erro, como um verdadeiro Bellgram.

A porta ao meu lado abriu-se sem aviso, deixando o ar frio da noite entrar. Uma cabeça desengonçada espreitou para dentro da limusine de forma abrupta, invadindo completamente o meu espaço pessoal.

— George! — exclamou. Encostei-me mais para trás no banco ao reconhecer Almeida.

Envolvido por uma energia impossível de ignorar, cada movimento era inquieto, como se não conseguisse ficar parado por um segundo. Os olhos brilhavam com uma intensidade descontrolada, enquanto as mãos se crispavam de forma compulsiva. A prova viva de que algumas poções dos Elementares da Terra cobravam um preço alto. Neste caso, a sanidade.

— Mais uma fornada de novos Elementares, mal consegui dormir! — continuou. Com o mesmo à vontade com que respirava o meu oxigénio, pousou as botas lamacentas no chão brilhante, a dois centímetros dos meus pés e entrou na limusine, espremendo-se para caber entre a Harper e o Leo. Sorri sem conseguir evitar, o contraste da sua roupa amarrrotada com os trajes de gala dos gémeos era hilariante.

— Como estamos? — A reação tranquila de George indicava que estava habituado à presença desconcertante de Almeida.

Todos os anos, Annabelle Soule preparava uma poção *Rimae* para controlar possíveis danos maiores durante a Cerimónia Elementar.

A poção parecia genial à primeira vista, permitindo prever eventos num raio de setenta e duas horas, mas bastava uma dose para perceber porque era uma das três poções proibidas. Criava uma dependência semelhante à da heroína, cada uso prendia a mente ao futuro, tornando impossível viver no presente.

Isabelle mencionara que Almeida, em várias ocasiões, percorria a propriedade Soule, suplicando a Annabelle por mais uma dose. Engraçado como, quando lhe convinha, George ignorava as regras que impunha. A melhor parte? Ele nunca a bebia, encontrava desgraçados como Almeida, dispostos a fazer o sacrifício no seu lugar.

— Um pequeno incidente, mas será com um Elementar da Terra, nada preocupante. — Era oficial, estava dado o veredito. *Até para o ano, Almeida.*

— Ótimo. — George suspirou e voltou a concentrar-se no telemóvel.

— Filho de George... — Almeida fixou-me o olhar, como se fosse a primeira vez que me via e inclinou-se para a frente, diminuindo a distância entre nós.

— Kyle — corrigi e, com o queixo, fiz sinal a Leo para abandonarmos a limusine. O Leo acenou de forma educada em direção a George e abriu a porta do outro lado da viatura.

— Consigo... Consigo cheirar sangue em ti, rapaz... — A voz de Almeida era um murmúrio rouco e arrastado, o que me fez hesitar. Voltei a sentar-me no banco para conseguir ouvir o resto da frase. Tinha os olhos totalmente brancos, como se estivesse a ter uma visão. — Oh, sim, rapaz... Serás um soldado da morte!

Os olhos de George saltaram das órbitas ao mesmo tempo que o seu corpo gerava uma tosse compulsiva. Arqueei as sobrancelhas antes de soltar uma gargalhada espontânea, a primeira daquele dia. George Monte dedicou toda a vida a educar-me, ensinar-me e controlar-me. Se eu me tornasse um «soldado da morte», seria o fracasso do século.

— Faça-me um pequeno favorzinho, Almeida. Quando eu sair do carro, conte tudo ao meu pai, o mais detalhadamente possível.

O Leo passou a mão pelo maxilar, acentuando o desconforto e olhou para o chão sem acreditar que eu ainda me estava a rir. A Harper encostou-se mais para trás, como se o banco a pudesse esconder até ser novamente seguro.

— Públco difícil... — murmurei, depois de reparar que ninguém tinha achado piada àquela ironia.

A limusine tremeu violentamente e os nossos cabelos foram lançados para trás quando as duas portas se fecharam com uma corrente de Ar ensurdecadora. Harper soltou um grito agudo e levou as mãos ao peito ao mesmo tempo que os olhos de Almeida voltavam à normalidade. Eu e o Leo não nos mexemos um milímetro. Sabia que se olhasse para a direita iria ver o meu pai com a íris iluminada e uma expressão furiosa.

— Milagre os vidros continuarem inteiros. — Olhei pela janela para evitar um confronto direto.

— Já chega, Kyle. A partir de hoje a tua atitude vai mudar, estamos entendidos?

Voltei a abrir a porta e com um impulso do ombro, empurrei-a para fora. Os meus sapatos, impecavelmente polidos, enterraram-se na lama, resultado de um dia inteiro de chuva. Atrás de mim, George Monte fechou a porta da limusine com um estalido seco, como se quisesse sublinhar o peso das suas expetativas.

— Caraças, Kyle! Que mania de tornar situações sérias em piadas!

— Leo saiu pelo lado oposto e deu a volta à limusine para parar ao meu lado.

— Não acreditaste realmente no que ele disse, vá lá! O Almeida parece que come os botões do comando da televisão!

— *Oh. Meu. Deus.* É hoje! — Sem eu saber como, a Harper já estava do meu outro lado, a olhar para Opalina como se fosse água no deserto.

Existiam quatro escolas Elementares espalhadas pelo mundo. Recebiam alunos de todos os países e etnias, criando uma diversidade interessante. O inglês era a língua dominante e os castelos eram afastados dos respetivos continentes por diversos quilómetros, através de longas estradas que cortavam o mar, serpenteando em direção ao horizonte.

Opalina era a mais impressionante. A estrada de acesso começava na marina de Lisboa e seguia por mais de quinze quilómetros sobre o mar, até que, no meio do vasto Oceano Atlântico, uma estrutura imponente se erguia, como uma visão improvável que pairava entre o céu e o mar. Estava afastada para criar um ambiente de aprendizagem seguro para os Elementares cometarem erros e garantir que os humanos não se magoavam.

O nome do castelo foi inspirado na pedra utilizada na construção e, apesar de não ser particularmente grande, era complexo. Durante o dia, as paredes de Opalina refletiam os raios de sol em todas as direções, como se o céu estivesse adornado com um arco-íris infinito. Àquela

hora, com a noite a cair, o castelo assumia um brilho quase azul e o espetáculo de luzes cintilantes deslocava-se para as ondas do mar que rodeavam o castelo, em tons verde e púrpura.

Tinha desistido de tentar contar as janelas aos oito anos, sempre que tentava a minha mãe ria-se e respondia que ainda me faltavam contar mais algumas. Uma nuvem densa de saudade pousou-me nos ombros ao pensar nela. Ver alguém que amamos morrer nos nossos braços é uma imagem impossível de enterrar. Ainda sonhava com ela a engasgar-se no próprio sangue e, se permitisse que aquela memória crescesse, conseguia sentir o tornado preto e opaco que foi arrancado do corpo de George, levando a nossa casa e o seu coração para longe.

Para alcançarmos a porta do castelo éramos obrigados a caminhar três minutos sobre uma ponte de mármore frio que se estendia assim que terminava a infinita estrada de alcatrão. Naquela tela branca, sobressaía a cor dos Elementos que se encontravam no vestuário em nosso redor: vermelho, azul, verde, cinzento e roxo.

Trocámos olhares antes de começarmos a avançar lado a lado. Ouvia o entusiasmo à minha volta e conseguia senti-lo nos empurrões leves que me davam, com pressa para chegar ao outro lado. Cada passo que dava fazia-me sentir mais longe de mim mesmo e mais perto de quem o meu pai queria que eu fosse. Morriam Elementares todos os dias, mas ali estavam cerca de cento e cinquenta jovens a correr para se juntarem a eles.

Chegámos ao final da ponte e eu reconheci imediatamente a cor do vestido de Isabelle, contra a parede do castelo. Estava acompanhada por Massey, também num vestido verde, mas mais escuro e volumoso.

A Harper soltou-me o braço, ecoando duas palmas entusiasmadas no ar e correu para as amigas, fazendo-as olharem por cima do ombro ao mesmo tempo. Leo parou de respirar assim que os seus olhos pousaram na ex-namorada e eu suspirei.

Era fácil imaginar o que se estaria a passar dentro da cabeça de Leo, Isabelle era... Particularmente atraente. Sabia que me iria sentir exatamente da mesma forma se conversasse com ela de olhos fechados, com os olhos abertos era apenas mais doloroso. Era o tipo de pessoa constantemente abordada na rua para pedir indicações ou as horas, não por parecer amigável, mas porque era tão estupidamente bonita que tinham de vê-la mais de perto.

A sua pele era num tom suave, realçando os caracóis em vários tons de chocolate que lhe caíam quase até à cintura fina, naquele momento

especialmente acentuada devido ao corpete do vestido. *Caraças, como dizer que alguém tem o peito bonito sem parecer ordinário?* O seu decote era... Encantador! Difícil de desviar o olhar.

Sem mover os olhos de Isabelle por um segundo, Leo ajeitou a gravata uma última vez e avançou atrás de Harper. Deixei-me ficar para trás, vendo-os a trocarem cumprimentos enquanto tentava entender a comichão que sentia no fundo da garganta.

Leo encaixava impecavelmente na *checklist* que Isabelle não sabia que tinha. Feito para ser exposto numa montra, adorado por toda a gente e um lembrete constante de como é que Isabelle se deveria comportar. Apesar de ser como família para mim, sentia os pelos da nuca arrepiar cada vez que presenciava a Soule encolher-se para caber nele.

Isabelle preferia transformar-se em pedra antes de pedir ajuda. Acreditava verdadeiramente que conseguia desempenhar qualquer função melhor se o fizesse sozinha. Ao longo dos anos, cultivou uma super-independência impressionante, colada à sua habilidade natural de esconder sentimentos atrás de um sorriso sedutor.

Senti uma nova pancada nas costas, desta vez com demasiada força para ser accidental e ouvi a voz de Noah atrás de mim.

— Acabei de me aperceber que nunca estivemos todos tão bonitos.  
— E perto de morrer.

Após um instante em que apenas nos olhámos em silêncio, Noah respirou fundo, indeciso. Riu-se, quase contra a própria vontade, para quebrar o peso no ar.

— Claro, sarcasmo para variar...

Acompanhei-o, mas com um riso curto e sem força. Noah ria por achar que eu estava a brincar, eu ria-me por saber que era isso que ele pensava. Passou por mim para roubar Isabelle dos braços de Leo sem ele se aperceber e abraçou-a de forma descontraída. Soule levantou os olhos na minha direção e fez o meu coração aumentar de tamanho, tornando o seu batimento alto e desconfortável, como se estivesse a martelar contra as minhas costelas. Pousei um beijo na sua testa.

— Desculpa, tive de deixar o robe em casa.

— Esta foi, sem dúvida, a melhor segunda escolha que poderias ter feito — sussurrou de volta. Sorriu e esticou os braços limpando o pó imaginário do meu fato cinzento.